

Samara Leonel
(mestranda em Estudos Literários/UFSM)

RESUMO

Entre as inúmeras questões éticas abordadas na obra de J. M. Coetzee, encontra-se também a questão da ética nas relações eróticas. Esse trabalho visa aprofundar algumas reflexões sobre este tema, usando como base a relação entre os personagens Melanie e Lurie, em *Disgrace*, e Anya e o escritor, em *Diary of a Bad Year*.

PALAVRAS-CHAVE: literatura sul-africana, Coetzee, erotismo, ética, assédio sexual

ABSTRACT

Among countless ethical issues approached by J.M. Coetzee's work, it is also found the issue concerning ethic on erotic relationships. This work aims to go deeper at some reflections over this theme, using as a basis the relationship between the characters Melanie and Lurie, from *Disgrace* and Anya and the writer from *Diary of a Bad Year*.

KEY WORDS: South African literature, Coetzee, Eroticism, Ethic, Sexual Harassment

Na obra de J.M. Coetzee encontramos uma série de elementos que induzem à reflexão e causam incômodo. As questões éticas, na obra desse escritor sul-africano, parecem ressaltar-se agudamente, em qualquer campo da experiência humana que ele aborde.

Entre estas questões, o tratamento dado aos envolvimento sexuais parece particularmente inquietante – em apenas dois de seus romances, *Disgrace* e *Diary of a Bad Year*, encontramos uma denúncia de assédio sexual, um estupro, uma relação sexual entre indivíduos maduros que parece totalmente desprovida de afinidade real e uma relação entre pessoas de faixas etárias bem diferentes que quase acaba num caso de extorsão. Nem sombra de envolvimento românticos convencionais ou abordagens que não causem incômodo.

Na construção de seu enredo, Coetzee em geral se utiliza de um narrador provido de uma ironia tão fina, que expõe, de maneira inequívoca, o ridículo da auto-imagem e pequenas certezas que o homem médio constrói sobre si mesmo. Suas histórias parecem desfolhar as relações de interação humana camada por camada, enfatizando a incomunicabilidade e a potencial gigantesca diferença entre a percepção de dois seres humanos sobre a mesma experiência. O autor evita estrategicamente a

onisciência e deixa sempre uma lacuna imensa a ser preenchida pelo leitor, de modo que as pontas soltas instiguem o incômodo sobre suas próprias verdades.

Para trabalho neste ensaio, foram escolhidas duas relações que se estabelecem a partir do desejo do homem branco pelo seu outro: o relacionamento, que se torna uma denúncia de assédio, entre o professor universitário de meia-idade David Lurie e sua aluna mestiça Melanie Isaacs, em *Disgrace*; e a estranha aproximação entre um escritor sul-africano radicado na Austrália, já avançado em anos, e a imigrante filipina Anya, que contrata por secretária, em *Diary of a Bad Year*.

Disgrace inicia com um breve panorama da sexualidade de Lurie, através da narração de seu “relacionamento” com a prostituta de origem árabe Soraya. A relação é exposta em termos bastante “racional”, “teóricos” e “razoáveis”, o narrador deixa vislumbrar um pouco da mente teorizante de Lurie, sua necessidade de ter sob controle as idéias e as experiências muito bem compreendidas e resolvidas – o que é praticamente impossível de se obter, não apenas porque a interação com o outro sempre tem elementos de imprevisibilidade, como porque desconhecemos nossos próprios aspectos inconscientes que entram nesse processo. Podemos nos aproximar da visão do personagem, entendendo a construção mental que passa da satisfação pelo conforto que aquele envolvimento com dia e hora marcados representa, que expõe o modo como Lurie sem entrega ao sexo com desejo e sem paixão, como ele vai construindo a crença de que existe uma certa afeição entre eles – crença que só parece ser questionada quando Soraya tem motivos para interromper a relação – de resto, comercial – entre eles. O jogo entre a ironia desse narrador irônico, que fala de um ponto não muito bem determinado, acaba por deixar muito clara a fragilidade das convicções de Lurie, do seu suposto controle da situação.

Mesmo após chegar à situação limite de encontrar Soraya com seus filhos na cidade, ainda acredita que essa situação pode ser contornada, racionalizada e até transformada numa proximidade maior. Com essa convicção, surpreende-se com a rejeição da moça, mostrando uma total inaptidão para se colocar no lugar do outro.

É depois desse relacionamento metódico e regular das tardes de quinta-feira, Lurie se envolve com Melanie e qualquer vislumbre de controle da situação já parece ruir desde o princípio, ainda que ele demore algum tempo para se dar conta. Ela esboça uma suave resistência aos convites dele, mas nada definitivo, a ponto de impedir o desenvolvimento da relação. Não temos acesso aos pensamentos dela em nenhum momento, apenas uma percepção, muito próxima de Lurie, de suas reações. Os limites

entre quem está seduzindo e quem está sendo seduzido parecem borrados. Embora ela não demonstre entusiasmo com o processo de envolvimento, também não demonstra uma oposição firme. Em alguns momentos, ela parece mesmo se divertir com o poder que exerce sobre o professor.

Quando, na primeira cena de sedução, Lurie lhe pede que ela fique e durma com ele, a resposta dele não é “não”, nem mesmo um silêncio de choque ou constrangimento, mas “por que?” e, quando ele diz que ela deve fazê-lo, a resposta, novamente é: “Por que deveria?” Muito mais que resistência ou apatia, Melanie parece curiosa sobre a situação, em saber até onde aquilo pode levar, até onde vai o poder que ela exerce sobre aquele homem.

Alguns autores falam em violência e coação¹, mas em nenhum momento temos um indício de medo real por parte dela, nem a expressão de qualquer tipo de ameaça vinda dele. Lurie chega a pegar a ficha de Melanie na faculdade para conseguir seu telefone – o que denota certa pressão e descontrole, mas não chega a ser uma ameaça.

Na metade do capítulo Três temos uma cena de sexo, que fica muito difícil ao leitor delimitar ou não como estupro. Ela resiste desde o princípio, alegando que o momento é inadequado, mas a pressão dele não chega à violência. Ela não resiste, apenas “se nega”. Embora o narrador não seja Lurie, seu ponto de enunciação está muito mais próximo deste que de Melanie. Só podemos tentar ler suas reações corporais e suas palavras. Nenhum grito, nenhuma revolta. E, aparentemente, nenhum prazer. Tudo o que ela lhe pede é que saia logo, porque sua prima chegará no apartamento em breve.

No dia seguinte a esse episódio, ela não comparece à aula com ele e é assim por toda a semana. Ainda que isso parece fazer prever uma ruptura nas relações, em breve se anuncia exatamente o contrário: Melanie aparece na casa de Lurie no meio da noite e pede para ficar. No dia seguinte, pede para ficar por algum tempo. Embora ele avalie a inconveniência disso, não consegue recusar – a idéia de tê-la ao alcance de sua luxúria tão facilmente é tentadora demais. Sente-se usado, mas não consegue resistir – só então parece ter alguma noção de seu descontrole sobre tudo o que está acontecendo. Ela sequer apresenta uma justificativa para esse ato, parece ter plena certeza de que isso não é necessário, que sua influência sobre ele é maior do que isso.

Pouco depois da aluna deixar sua casa, espontaneamente, ele começa a ser chantageado por um jovem, amigo ou namorado dela – o que dá início a uma sequência de fatos que eclodirá na denúncia de assédio.

¹ Bandeira, 2008.

Assédio sexual é um termo que está diretamente relacionado às relações de poder e coação num processo de sedução. No caso de Lurie, ainda não tenha sido expressa nenhuma ameaça, ainda que as concessões acadêmicas que ele fazia a Melanie (como deixar de registrar suas faltas) não partissem de um pedido dela, para a maior parte das pessoas à sua volta, o assédio se configura claro.

Lurie ocupa a posição de professor, é mais velho, macho, branco². Mas nem sempre ele detém todo o poder nessa relação. “Sex is power, yes; but so are brains, charm, wealth, status, and, (...) health and youth.”³

O poder de sedução de Melanie vai subverter parte do que parece ser uma relação clara de forças. Nos países anglo-saxônicos essas relações são consideradas tão claras que, mesmo sem ameaça ou coação, apenas o fato de um professor ter envolvimento sexual com uma aluna já é considerado suficiente para se configurar o assédio. No Brasil, é necessário que se explicita a condição de não consentimento e intimidação.⁴

Assim, no nosso país, Lurie provavelmente sairia ileso de uma acusação desse tipo. Só essa possibilidade de relativização da situação de assédio de uma cultura para outra já parece indicar que, numa relação onde a atração erótica está envolvida, o papel de sedutor e seduzido e a relação de poderes em jogo não é tão evidente, imutável ou inequívoca quanto possa parecer.

² A descrição da personagem como mestiça e toda sua descrição, tem todo um intertexto no contexto sul-africano que nos fica difícil avaliar de nosso local de leitura. “In Disgrace he tries to represent, without poaching upon, the experience of the racial other; the result is ambivalence, as the novel both invites and forecloses a critique of black patriarchy in South Africa.” COOPER, 2005.

³ PATHAI, 2008.

⁴ Para que o assédio sexual se configure plenamente, não basta a conduta de natureza sexual. De fato, é essencial que esta conduta seja repelida pelo seu destinatário, expressamente ou – para efeito de prova – pela observação do que ordinariamente acontece (as máximas da experiência).

Como é cediço internacionalmente, é importante enfatizar que o assédio sexual se vincula a condutas não desejadas e desagradáveis para o receptor, ou seja, impostas, apesar de não correspondidas. Este é o fator chave que as distingue de outras condutas, praticadas em relações perfeitamente amistosas.

O assédio supõe sempre uma conduta sexual não desejada, não se considerando como tal o simples flerte ou paquera. Por isso, muitas vezes só é possível considerar indesejada a conduta de conotação sexual quando o assediado inequivocamente manifesta oposição às propostas e insinuações do assediante. (...)Caso esta circunstância se dê entre trabalhadores de nível hierárquico diferente e/ou entre empregador e empregado, em que uma das pessoas tem o poder de decidir sobre a permanência ou não da outra no emprego ou de influir nas promoções ou na carreira da mesma, caracterizado estará o assédio sexual, se a conduta do assediante se traduzir em pressões ou ameaças - explícitas ou implícitas - com o objetivo evidente de obter os favores sexuais do assediado. ÉTICA NA ADMINISTRAÇÃO.

Note-se que o Direito não proíbe o flerte, a paquera, o relacionamento entre superiores e subordinados, mas sim que aqueles se aproveitem da superioridade para forçarem estes a um relacionamento não desejado. Um chefe não poderá ser condenado por assédio sexual, por exemplo, apenas por enviar flores para sua secretária, convidando-a para um encontro. Contudo, caso ela negue seu convite, poderá ser processado criminalmente caso venha a constrangê-la a com ele sair, dando, por exemplo, indiretas quanto à permanência dela no emprego. BOIANI.

Quando Lurie “força” uma relação sexual não desejada com Melanie, certamente ele a está pressionando. Mas quando ele não consegue se opor à permanência da jovem em sua casa, mesmo com os problemas inerentes a essa situação e se sentindo explorado, fica evidente que a aparente relação de forças se inverteu – ou nunca foi tão clara assim.

No capítulo Cinco, pouco depois que a acusação é oficializada e o fato começa a se espalhar, a ex-mulher de Lurie, Rosalind, expressa ser o que parece ser a opinião da maioria das mulheres de seu meio social e faixa etária. A voz do senso comum.

“(...) Stupid and ugly too. I don’t know what you do about sex and I don’t want to know, but this is not the way to go about it. You’re what – fifty-two? Do you think a young girl finds any pleasure in going to bed with a man of that age? Do you think she finds it good to watch you in your middle of your...? Do you ever think about that?”⁵

Com essa justificativa, ela ainda acrescenta:

“Don’t expect sympathy from me, David, and don’t expect sympathy from anyone else either. No sympathy, no mercy, not in this day and age. Everyone’s hand will be against you, and why not? Really, how *could* you?”

Durante a conversa ela não demonstra qualquer intenção em saber como o envolvimento realmente se deu, não abre qualquer brecha para compreender como se deu esse relacionamento. Os critérios status e faixa etária são tratados como definitivos e subte-se que “falam por si sós”. Na argumentação de Rosalind, eles determinam a direção do desejo, inapelavelmente.

Mas, refletindo sob outro ponto de vista, existem poucas expressões humanas mais variadas, imprevisíveis e inexplicáveis do que o desejo sexual humano e os fatores que o despertam. Nesse campo não existe um padrão estético definido e nem sempre a estética é determinante. A psicanálise já estudou e classificou vários “desvios” do padrão que o senso comum atribui ao comportamento sexual.

Causar e sentir dor, por exemplo, são comportamentos que para muitas pessoas – e para a idéia que comumente se expressa sobre pessoas “médias” ou “normais” – estão completamente excluídos da atividade sexual. Independente disto, não é difícil localizar na internet pessoas e grupos de pessoas que vivem e assumem seus desejos masoquistas e sádicos, em maior ou menor grau – o que inclui toda uma gama intrincada de práticas incompreensíveis para muitos. Até pouco tempo esse tempo era considerado patológico, mas, atualmente, contanto que ocorra entre indivíduos adultos e com consentimento, são admitidos como variantes.

Voltando à situação do nosso romance, a passividade sexual de Melanie não indica necessariamente falta de atração. Comportamentos psicológicos já registrados,

⁵ COETZEE, 2000.

ainda que de explicação complexa, como a síndrome de Estocolmo, podem relacionar submissão com prazer. O uso do controle, da pressão e do poder pelo outro pode ou não ser um ingrediente de atração erótica – o que determinará isso não são normas, mas a natureza e vivência de cada indivíduo. Utilizando esses dados, é possível se repensar toda a repercussão moderna sobre assédio, de modo mais amplo, ainda que mais complexo.

Não se pretende com isso negar a existência de indivíduos que gerenciam suas relações de poder para coagir pessoas a prestarem favores sociais não consentidos e que isso deve, sempre, ser tratado como crime em sociedades que procuram estabelecer relações éticas. Mas a tentativa de estabelecimento de normas para algo tão complexo como a sexualidade humana corre o risco, sempre, de estabelecer “verdades” reducionistas.

Acrescenta-se a tudo que foi dito o contexto de relacionamento em ambiente de ensino.

“Conclui-se que o fenômeno (da sedução) ocorre incessantemente na área educacional. Os dados evidenciaram duas categorias polares. Identificou-se uma dimensão de encantamento, em que os indivíduos interagem e edificam uma relação baseada na autonomia e outra, entendida como fascínio, em que o discernimento de uma das partes fica comprometido.”⁶

Apesar de não ser um comportamento plenamente aprovado na sociedade, não se trata de um fenômeno novo ou passível de controle. Mesmo porque, parece que temos, em sala de aula, um ambiente ideal para que isso aconteça: “o professor lida com o aluno num ambiente que favorece a integração e a expansão de emoções intensas”⁷ Nesse contexto “o professor apresenta ‘o conhecimento dos segredos da vida e um poder sobre os acontecimentos. O mestre lhe aparece envolto num halo de mistério e de magia. Daí a atração e a sedução que este exerce’”, mas não se pode esquecer que “o professor seduz, mas os alunos seduzem também. Professor e aluno se deixam encantar ou fascinar; não é uma relação unilateral”.

Claro que sedução, aqui, não se toma no sentido exclusivamente sexual, mas de todo um encantamento que facilita o processo de aprendizagem. O que não se pretende negar é que esse processo todo possa muitas vezes ganhar cunho erótico, principalmente quando ocorre entre adultos (apesar da diferença de idade, não se pode alegar que Melanie Isaacs seja uma criança inconsciente de seus atos e de sua sexualidade).

⁶ SILVA & VOTRE, 2009.

⁷ SILVA & VOTRE, 2009.

De Melanie Isaacs apenas podemos supor que ela tenha consciência de seu poder de sedução através de indícios dados pelo narrador que parecem vir da mente de David Lurie. “Does she know he has an eye on her? Probably. Women are sensitive to it, to the weight of the desiring gaze.”⁸

Mas em *Diary of a Bad Year*, Anya expressa essa consciência em primeira pessoa. Não apenas ela percebe o olhar de desejo dos homens, como acha isso uma consequência muito natural e desejável de sua beleza. Ela realça seus pontos fortes no intuito de despertar esse desejo, embora não pareça pretender ter um relacionamento com alguém além de Alan, seu parceiro – que, por sinal, sempre expressa valorizar essas qualidades. Ela não precisa de outro homem – mas do olhar de desejo de todos os homens, de saber-se bela, desejável, apreciada. Aí reside seu prazer (e excitação?)

If I were a man I would not be able to keep my eyes off me. Alan says there are many different bums in the world as there are faces. Mirror, mirror on the wall, I say to Alan, whose is the fairest of them all? Yours, my prince, my queen, yours without a doubt.⁹

Na raiz das idéias de Anya existe uma moral que concorda com a de Lurie, caso os personagens pudessem se encontrar em alguma parte do mundo ficcional. Aparentemente, para eles, não apenas é natural que a beleza feminina desperte o desejo dos homens, como praticamente obrigatório. Discordam, talvez, no destino que deva ser dado a esse desejo. De qualquer forma, na crueza do raciocínio da filipina que afirma “”There`s a game between he and me. I don`t mind. What else is your bottom for? Use it or lose it”¹⁰ e a afirmação de Lurie, citando um soneto shakespeariano, porque “a woman`s beauty does not belong to her alone. It is part of the bounty she brings into the world. She has a duty to share it.”¹¹

A diferença entre eles, entretanto, é que, enquanto Lurie adota a postura (de resto, plenamente conveniente para seus impulsos) de que a mulher bela deve se submeter e saciar os desejos que provoca, Anya acha natural (de modo igualmente conveniente aos impulsos dela) que elas os provoquem, manipulem, joguem e se divirtam com isso. Porque Anya sabe exatamente quem é, o poder que tem e o que deseja dele. Faz apenas o que tem vontade de fazer.

Quanto à Melanie, temos na denúncia de assédio a expressão mais evidente de seu desconforto com algumas concessões que teria feito a Lurie – mas sequer sabemos o

⁸ COETZEE, 2000. p.12

⁹ COETZEE, 2008. p 25

¹⁰ COETZEE, 2008. p 28

¹¹ COETZEE, 2000. p. 16

quanto a influência do namorado e da família contribuiu para essa decisão. Tudo o que se pode concluir é que ela não parece certa de suas motivações, já que tem comportamentos contraditórios. Teria ela sido manipulada por Lurie? Pelo namorado? Pela família? Ou estava apenas confusa? É impossível para o leitor responder com certeza.

Anya, pelo contrário, não se permite manipular. Faz o jogo do escritor apenas até onde é confortável para ela – com plena consciência e sem culpa. Nunca deixa de expressar sua opinião a respeito do que ele escreve e todas as demais coisas, a aparente relação hierárquica entre eles não a oprime. Quando desaprova o comportamento de Alan, que pretende se aproveitar da proximidade dela para extorquir seu contratante, também não permite que este a manipule. Rompe o relacionamento e se afasta dele, ainda que nesse caso, tenha muito mais a perder.

Alan tem uma moral particular, onde lhe parece muito natural desviar dinheiro daquele que cobiça Anya, da qual ele parece se julgar dono. O escritor cobiça sua propriedade (Anya), Alan cobiça seu dinheiro – parece ser o conceito de justiça do personagem. Sendo ela sua propriedade, também não tem nenhum pudor em utilizá-la para espionar o computador do escritor, sem que saiba ou consinta. Mesmo parecendo muito ligada à ele, ela não aceita esse comportamento e sai da relação, para surpresa dele. Sabemos depois que desenvolvera um sentimento de admiração e afinidade pelo escritor que a deseja silencioso e que, de certa forma, a deixa ser que ela é sem pretender direcionar seus pensamentos.

Destas relações – entre Lurie e Soraya, Lurie e Melanie, Anya e Alan, Anya e o escritor -, o que chama a atenção é a aparente incomunicabilidade entre os gêneros, ainda mais, entre os indivíduos. As necessidades e motivações do outro mal são vislumbradas e só se percebe essa lacuna quando o comportamento alheio surpreende. O formato de textos superpostos de *Diary of a Bad Year* é um recurso muito interessante para deixar isso claro, de maneira deliciosamente irônica.

Nas anotações sobre seu primeiro encontro com Anya, espetacularmente sexy num vestido vermelho-tomate, o escritor afirma: “As for the bright red shift, that is perhaps not the item of attire she would have chosen if she were expecting strange male company in the laundry room at eleven in the morning on a weekday.”¹²

¹²

COETZEE, 2008. p. 6

O correspondente nas anotações de Anya corresponde ao seguinte: “As I pass him, carrying the laundry basket, I make sure I waggle my behind, my delicious behind, sheathed in tight denim.”¹³

Na obra de Coetzee, o outro é ainda muito opaco, independente da atração ou do afeto que por ele se sinta. Ele nos mostra um mundo de incomunicabilidade ainda mais profunda que a ânsia de comunicação – por vezes reduzida a mero desejo sexual. Este é um fato central na análise da questão ética, pois fica muito complexo respeitar um outro (e suas necessidades, desejos, pulsões e medos) que não se conhece – não se respeita algo que não se reconhece, assim como o daltônico não pode classificar por cores que não difere.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDEIRA, Marília Fátima. **Representações da violência em Disgrace e Waiting for the Barbarians**, dissertação de Mestrado. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2008.

BOIANI & AZEVEDO. **Ética: barreira eficiente ao assédio sexual** em Azevedo e Azevedo Advogados Associados. Disponível em: http://www.azevedo.adv.br/lermais_materias.php?cd_materias=52 Acessado em: 30/NOV/2010

COETZEE, J.M. **Diary of a Bad Year**. London: Vintage Books, 2008.

COETZEE, J.M. **Disgrace**. New York: Penguin, 2000.

COOPER, Pamela. **Metamorphosis and Sexuality: Reading the Strange Passions of Disgrace**. Research in African Literatures, Volume 36, Number 4, Winter 2005, pp. 22-39 (Article). Published by Indiana University Press

ÉTICA NA ADMINISTRAÇÃO (blog). **Assédio Sexual**. Disponível em: <http://eticanaadministracao.blogspot.com/2008/05/assdio-sexual.html> Acessado em: 30/NOV/2010.

PATHAI, Daphne. **Academic Affairs in 'What Price Utopia?': Essays on Ideological Policing, Feminism, and Academic Affairs**. Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 2008, pp. 223-249.

PAULO, Fernando de Lima. **Imaginando o Inimaginável - Linguagem e religião em J. M. Coetzee** (tese de doutorado). Belo Horizonte: UFMG, 2008.

SILVA, Carlos Aberto Figueiredo da e VOTRE, Sebastião Josué. **Encanto e Fascínio: Dimensões da Sedução na Educação**. Pensar a Prática, Vol. 12, No 3 (2009). Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 2009.